



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PAULO MATHEUS BEZERRA VIANA DE AZEVEDO

MEMES E O ENSINO DE HISTÓRIA:
uma experiência pedagógica no âmbito do PIBID História - UFRPE

Recife
2023

Paulo Matheus Bezerra Viana de Azevedo

MEMES E O ENSINO DE HISTÓRIA:

uma experiência pedagógica no âmbito do PIBID História - UFRPE

Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE como exigência para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília Vasconcelos dos Santos

Recife

2023

MEMES E O ENSINO DE HISTÓRIA:

uma experiência pedagógica no âmbito do PIBID História - UFRPE

Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE como exigência para obtenção do título de Licenciatura em História.

Aprovado em 21 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Emilia Vasconcelos dos Santos
Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco , Brasil

Profª. Dra. Lúcia Falcão Barbosa
Professora Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco , Brasil

Prof. Dr. Lucas Victor Silva
Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco , Brasil

RESUMO

Nos últimos anos, foi possível observar o aumento do uso das tecnologias digitais, sobretudo pelos jovens do mundo todo. Em um momento de *boom* de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's), os métodos tradicionais de ensino-aprendizagem se tornam ultrapassados, sendo necessário a inovação desse processo, levando em consideração o contexto histórico e as transformações vivenciadas pelo alunado. Por este motivo, o presente artigo tem o objetivo de, em primeiro lugar, entender a conjuntura atual em que os jovens estão inseridos, assimilando, também, como estes utilizam as redes; conhecer a origem e trajetória dos memes, analisando como eles são utilizados pelos jovens social, cultural e politicamente; apresentar os possíveis usos pedagógicos dos memes nas aulas de história, valendo-se do meme enquanto um produto cultural que mobiliza diversas habilidades e, por fim, expor um projeto alinhado a esta temática vivenciado na esfera do PIBID História - UFRPE. A partir do projeto e da pesquisa feita com os estudantes participantes, foi possível observar um alto engajamento e maior interesse dos discentes quando são estimulados a trabalharem com ferramentas que já lhes são familiares, provando que o meme é um recurso pedagógico eficaz nas aulas de história.

Palavras-chave: Memes. Ensino de História. Juventude.

ABSTRACT

Over the past few years, it has been possible to observe an increase in the use of digital technologies, especially by young people around the world. At a time of high use in Digital Information and Communication Technologies (TDIC's), traditional teaching and learning methods have become outdated, making it necessary to innovate this process, taking into consideration the historical context and the transformations experienced by students. With that said, this article aims, in first place, to understand the current situation in which young people are inserted, also assimilating how they use networks; know the origin and trajectory of memes, analyzing how they are used by young people socially, culturally and politically; present the possible pedagogical uses of memes in history lessons, using the meme as a cultural product that mobilizes different skills and, finally, expose a project aligned with this theme experienced in the sphere of PIBID História - UFRPE. From the project and the research carried out with the participating students, it was possible to observe high engagement and greater interest from students when they are encouraged to work with tools that are already familiar to them, proving that the meme is an effective pedagogical resource in history classes.

Keywords: Memes. History teaching. Youth.

SUMÁRIO

Introdução	7
Juventudes e formas de aprendizagem na contemporaneidade	9
Os memes de internet, suas características e o uso pelos adolescentes	11
Os memes e o ensino de História	16
Experiências no uso dos memes no âmbito do PIBID	18
A produção dos memes dos estudantes e postagem no Instagram	21
Resultados Obtidos	24
Considerações finais	26
Referências	27
ANEXO 1 - Diretrizes da Revista “Educação Básica Revista” para elaboração de artigos	30

MEMES E O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DO PIBID HISTÓRIA - UFRPE

MEMES AND HISTORY TEACHING: A PEDAGOGICAL EXPERIENCE WITHIN THE CONTEXT OF PIBID HISTÓRIA - UFRPE

Resumo: Nos últimos anos, foi possível observar o aumento do uso das tecnologias digitais, sobretudo pelos jovens do mundo todo. Em um momento de *boom* de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's), os métodos tradicionais de ensino-aprendizagem se tornam ultrapassados, sendo necessário a inovação desse processo, levando em consideração o contexto histórico e as transformações vivenciadas pelo alunado. Por este motivo, o presente artigo tem o objetivo de, em primeiro lugar, entender a conjuntura atual em que os jovens estão inseridos, assimilando, também, como estes utilizam as redes; conhecer a origem e trajetória dos memes, analisando como eles são utilizados pelos jovens social, cultural e politicamente; apresentar os possíveis usos pedagógicos dos memes nas aulas de história, valendo-se do meme enquanto um produto cultural que mobiliza diversas habilidades e, por fim, expor um projeto alinhado a esta temática vivenciado na esfera do PIBID História - UFRPE. A partir do projeto e da pesquisa feita com os estudantes participantes, foi possível observar um alto engajamento e maior interesse dos discentes quando são estimulados a trabalharem com ferramentas que já lhes são familiares, provando que o meme é um recurso pedagógico eficaz nas aulas de história.

Palavras-chave: Memes. Ensino de História. Juventude.

Abstract: Over the past few years, it has been possible to observe an increase in the use of digital technologies, especially by young people around the world. At a time of high use in Digital Information and Communication Technologies (TDIC's), traditional teaching and learning methods have become outdated, making it necessary to innovate this process, taking into consideration the historical context and the transformations experienced by

students. With that said, this article aims, in first place, to understand the current situation in which young people are inserted, also assimilating how they use networks; know the origin and trajectory of memes, analyzing how they are used by young people socially, culturally and politically; present the possible pedagogical uses of memes in history lessons, using the meme as a cultural product that mobilizes different skills and, finally, expose a project aligned with this theme experienced in the sphere of PIBID História - UFRPE. From the project and the research carried out with the participating students, it was possible to observe high engagement and greater interest from students when they are encouraged to work with tools that are already familiar to them, proving that the meme is an effective pedagogical resource in history classes.

Keywords: Memes. History teaching. Youth.

Introdução

O presente artigo é fruto de uma experiência desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) História, vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI), que oferece cursos de nível médio, médio integrado ao técnico e técnico subsequente, foi a instituição na qual o projeto foi executado. O colégio em questão é uma unidade de ensino da UFRPE, localizada no município de São Lourenço da Mata. O grupo de bolsistas de História do programa em questão conduziu a turma do primeiro ano A do Ensino Médio, com 33 alunos. O acompanhamento com os estudantes iniciou-se em meados de 2020. Portanto, no momento intermediário e final do projeto (2022), estes já se encontravam no segundo ano A do Ensino Médio.

Todo o projeto se desenrolou a partir da percepção do professor regente da disciplina de história¹ Márcio Romerito Arcoverde, então coordenador pedagógico do Ensino Médio no CODAI, que, no contexto pandêmico que se vivenciava no momento, era necessário o uso de Metodologias Ativas para a promoção de uma aprendizagem

¹ Arcoverde também é professor supervisor dos bolsistas de história na escola.

significativa, atrativa e eficaz para os alunos. Sendo assim, as *TDIC*’, enquanto um meio para essas metodologias, se apresentam de forma mais horizontalizada, de modo que faz com que o estudante seja agente de seu aprendizado (CAIADO; MORAES. 2022, p. 39). Sendo assim, as ideias em torno do uso dos memes no dia a dia dos estudantes e seu possível papel na construção da consciência histórica desses sujeitos foram sendo efetuadas, sistematizadas, estudadas e, por fim, postas em prática pelo professor Arcoverde com o auxílio dos pibidianos.

O objetivo de todo o trabalho foi fazer com que, a partir da produção de memes históricos, os estudantes fossem capazes de construir uma consciência histórica, entendendo, questionando e refletindo sobre o conteúdo proposto no plano de aula do professor regente; aprendessem sobre o papel do historiador e os métodos da história, a partir da busca por fontes confiáveis; conhecessem recursos de edição de fotos e vídeos, a fim de integrar as tecnologias ao trabalho em sala de aula e, por fim, compartilhar suas produções, bem como suas análises nas redes sociais – especificamente no Instagram criado pelo grupo para este fim².

Este último objetivo possui dois grandes alvos: o primeiro, é a esperança de promover uma História Pública que, para Juniele de Almeida e Marta Gouveia Rovai (2020, p. 7), “num esforço colaborativo, pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise”. O segundo, de promover uma História Pública Digital (HPD), disseminando o conhecimento histórico de qualidade para a maior quantidade de pessoas possível. Esse campo de estudo (HPD) não só faz o uso de fontes digitais, como também se preocupa em como a história é representada e abordada nas mídias digitais, sendo, ainda, um campo de experimentação e de tentativas (COHEN *et al.* 2008, p. 454 *apud* DEBOM; PIRES, 2022, p. 242). Além disso, a História Pública Digital tenta, mais do que se apropriar das fontes históricas digitalmente, definir o próprio objeto da história, ou seja, as relações humanas no tempo digital, sejam elas sociais, políticas, econômicas, culturais, etc. (PRADO, 2021, p. 6).

²

[@pibid_hist_codai.](https://www.instagram.com/pibid_hist_codai/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==) Disponível em: https://www.instagram.com/pibid_hist_codai/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==. Acesso em: 13 jan. 2024

Para além da experiência do PIBID História - UFRPE, o alvo principal do artigo é responder a seguinte pergunta: os memes se apresentam como uma ferramenta eficaz no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de história? Para isso, é necessário, em primeiro plano, entender a juventude no panorama atual e como eles aprendem nas redes; Depois, conhecer a trajetória dos memes e seus usos pelos adolescentes; por fim, analisar os usos pedagógicos dos memes em sala de aula, com base no projeto supracitado.

Juventudes e formas de aprendizagem na contemporaneidade

Desde a antiguidade, com a invenção da escrita até o período moderno, a forma de aprendizagem persistia a mesma, isto é, a partir de um conjunto de regras de memorização e de reprodução, visando o domínio do código escrito. Uma segunda revolução do conhecimento é feita quando, com o advento da imprensa de Gutenberg, ainda no século XV, o conhecimento passa a ser mais e mais disseminado. Como consequência, a demanda pelo letramento cresce rapidamente, aumentando também a oferta de educação (CAIMI; NICOLA, 2015, p. 62).

Até os finais do século XIX, vivíamos em um modelo analógico de educação, propagado, sobretudo, pelas enormes enciclopédias – com o seu primeiro volume lançado em 1751 por Diderot e d’Alembert, também chamada de *Dictionnaire Raisonné des sciences, des Arts et des Métiers*³. Já a partir do século XX, segundo Juan Pozo (2002, p. 35 *apud* CAIMI; NICOLA, 2015, p. 62), estamos passando pelo momento da obesidade informativa, no qual a informação flui mais rápido, mas também de maneira mais desorganizada, visto que o consumidor é quem deve dar sentido às informações. Por isso que, para Marc Prensky (2001, p. 1), “os estudantes de hoje não são mais as pessoas que o sistema educacional se destinava em épocas passadas. Algo difere esse momento de mudança dos outros: A rápida disseminação das tecnologias digitais”. O autor chama os “falantes” desde nascença dessa nova língua de *Digital Natives* (PRENKSY, 2001, p. 1) -

³ “Dicionário das ciências, das artes e dos ofícios”. Tradução: Unesp. Disponível em: <https://editoraunesp.com.br/blog/editora-unesp-lanca-a-enciclopedia-de-diderot-e-d%E2%80%99alembert-em-cinco-volumes>. Acesso em: 13 jan. 2024

Nativos Digitais -, enquanto aqueles sujeitos que nasceram anteriormente a esse período, as últimas décadas do século XX, de *Digital Immigrants*, ou Imigrantes Digitais.

Em contrapartida, Veen e Wracking (2009, p. 30 *apud* CAIMI, 2014, p. 167) nomeiam o que Prensky (2001) chama de Nativos Digitais de Geração *Homo Zappiens*, afirmando que é:

aparentemente uma nova espécie que atua em uma cultura cibernética global com base na multimídia e a distinguem pelo fato de terem crescido acessando múltiplos recursos tecnológicos, desde os mais antigos, como o controle remoto da TV, o mouse do computador, o *minidisc*, até os mais recentes, como o telefone celular, o *iPod*, o *mp3*, o *tablet* e tantos outros.

Nesse contexto, podemos perceber, claramente, que as tecnologias atuais estão intrínsecas às vidas dos jovens e, sendo assim, é preciso, também, adaptar as formas de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem para aprimorar os saberes dos nossos estudantes. A “rede” (LÉVY, 2009, p. 17), também conhecida como ciberespaço, é o principal meio de aproximação da juventude com o conhecimento, pois transmite informações de maneira digital, por meio da interconexão mundial de computadores (LÉVY, 2009, p. 92). As tecnologias digitais, então, fazem parte da essência do ensinar e do aprender. Segundo a pesquisa da TIC kids online, de 2022,⁴ ao menos 94% dos jovens entre 9 e 17 anos estão conectados, ou seja, a relação desses sujeitos com o mundo e, portanto, com a escola, modificou-se bastante. Eles, em primeiro lugar, não reconhecem a escola como um dos seus interesses; acreditam que a escola está separada do seu mundo; apresentam comportamento hiperativo; prestam atenção no docente por um curto período de tempo; querem controlar os assuntos nos quais estão envolvidos e não aceitam explicações de mundo baseadas apenas nas crenças do professor; aprendem de forma colaborativa e criativa através de atividades lúdicas, descoberta e exploração. (VEEN; WRAKING, 2009, p. 63 *apud* CAIMI, 2014, p. 167). Os jovens - Nativos Digitais ou *Homo Zappiens* - entendem desde cedo que podem encontrar qualquer tipo de informação,

⁴ Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/kidsonline/2023/criancas/A1C/>. Acesso em: 13 jan. 2024

abundantemente, a um clique de distância. Essas informações podem, muitas vezes, distorcer a realidade, criar conteúdos não verídicos ou manipular a mentalidade desses sujeitos, pois a adolescência é um momento transformador na vida humana, em que todas as experiências vivenciadas na infância tem um novo significado (PRIOSTE, 2013, p. 106). Além disso, “[...] é o momento no qual o jovem se embaraça nos conflitos entre dependência e autonomia, entre família e universo social, tornando-se mais vulnerável aos apelos virtuais e às promessas idílicas da indústria cultural” (PRIOSTE, 2013, p. 109).

Pensando nisso, cabe aos educadores mediá-los nesse caminho, procurando maneiras que sejam compatíveis com a realidade desses jovens, assim como com as transformações socioeconômicas, políticas, tecnológicas e comunicacionais (CAIMI, 2014, p. 168). Em contrapartida, de acordo com Marc Prensky (2001, p. 2), *“Digital Immigrant instructors, who speak an outdated language (that of the pre-digital age), are struggling to teach a population that speaks an entirely new language.”*⁵. Então, se o objetivo é concretizar com êxito o processo de ensino-aprendizagem, é preciso nos letrarmos ciberespacialmente e ciberculturalmente⁶, levando em conta as várias Metodologias Ativas⁷ por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC’s).

Os memes de internet, suas características e o uso pelos adolescentes

O conceito carregado pela palavra “meme” vem se modificando ao longo dos anos e possui interpretações diferentes quando analisados por autores distintos. Por exemplo, para Susan Blackmore (2000, p. 65 *apud* SOUZA, 2013, p. 132), um meme são ideias, comportamentos, que se espalham dentro de uma cultura. De acordo com Gunders e Brown (2010, p. 4 *apud* SOUZA, 2013, p. 132), um meme seria uma expressão cultural

⁵ Os instrutores Imigrantes Digitais, que falam uma língua ultrapassada (aquela da era pré-digital), estão com problemas para ensinar a uma população que fala uma língua totalmente diferente (Tradução nossa).

⁶ Cibercultura é definido aqui como um “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2009, p. 17).

⁷ De acordo com Alexandre Carvalho Silva (2020, p. 10), apesar dos diversos conceitos sobre as Metodologias Ativas, “todas enfatizam o papel ativo exercido pelo aprendiz nas escolhas e ritmo do seu processo de ensino e aprendizagem, cabendo ao professor o papel de facilitador [...] desse processo, ou seja, diminui-se o protagonismo do professor como único responsável pelo processo de ensino e confere este ao aprendiz.”

passada de pessoa para pessoa ou de grupo para grupo. Ainda com essas pequenas diferenças interpretativas, é possível entender que um meme é tudo o que se é passado culturalmente de um indivíduo para o outro, e são armazenados e transmitidos pela imitação (BLACKMORE, 2000, p. 4).

A palavra meme teve sua origem em 1976 pelo biólogo zoologista de Oxford Richard Dawkins, em sua obra *The selfish gene*. Em sua concepção, os memes são como genes culturais, isto é, são uma ideia, uma frase, uma forma de vestir, cozinhar, de pensar, de construir, etc. Neste caso, como unidade de transmissão e difusão rápida de informação cultural, possui fidelidade (capacidade de difusão uniforme), fecundidade (capacidade de criação de múltiplas cópias) e longevidade, que se estende no tempo (DAWKINS, 1976, p. 197 *apud* CHAGAS, 2020, p. 25). Para esclarecer essa ideia, Blackmore (2000, p. 3) indaga que

When you imitate someone else, something is passed on. This “something” can then be passed on again, and again, and so take on a life of its own. We might call this thing an idea, an instruction, a behavior, a piece of information ... but if we are going to study it we shall need to give it a name. Fortunately there is a name. It is the “meme”⁸.

Em algum momento dos anos 90, os memes começaram a ser entendidos como piadas e trocadilhos que, pouco tempo depois, foi integrando o ciberespaço de maneira epidêmica (CHAGAS, 2020, p. 32), influenciando de forma significativa a comunicação dos sujeitos envolvidos na cibercultura. Por isso, é importante distinguir os memes dos memes de internet. Os memes determinam o comportamento do organismo e podem significar qualquer coisa; já o meme de internet, por sua vez, é um recorte cultural que ganha influência através de sua disseminação online (DAVINSON, 2020, p. 149), geralmente de cunho humorístico ou irônico, e até mesmo ofensivo ou agressivo (DAVINSON, 2020, p. 151).

⁸ Quando você imita alguém, algo é passado adiante. Esse “algo” pode, então, ser transmitido repetidas vezes até tomar a própria vida. Podemos chamar isso de ideia, de uma instrução, um comportamento, um pedaço de informação... mas se nós vamos estudá-lo, precisamos também nomeá-lo. Felizmente, existe um nome. É o ‘meme’ (Tradução nossa).

Como dito anteriormente, o meme é fruto de um processo de imitação e replicação. Portanto, quanto mais replicado, mais maleável se torna, fazendo com que o seu conteúdo – seja textual ou imagético – possa ser modificado à medida em que é compartilhado (DAVINSON, 2020, p. 149). Por este motivo, o meme vem, sobretudo nos últimos anos, se tornando uma ferramenta da “milícia do meme”: grupos de indivíduos de extrema-direita que propagam informações enganosas sobre diversas temáticas, sejam políticas ou históricas (DAVINSON, 2020, p. 140). Esses grupos utilizam memes que contestam visões históricas, utilizando imagens e/ou falas tendenciosas e reducionistas, promovendo um revisionismo ideológico e disseminação de fake news (VITÓRIA, 2019).

Nas imagens abaixo, por exemplo, é possível identificar dois memes de caráter revisionista e reducionista, respectivamente:

Figura 1 – Meme revisionista sobre a Ditadura Militar



Fonte: VITÓRIA, 2019, p. 39.

Figura 2 – Meme racista “nego”



Fonte: VITÓRIA, 2019, p. 42.

Na primeira imagem, tratando sobre o período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), a informação passada é a de que as pessoas ditas “subversivas” ao Estado, ou seja, os “comunistas”, eram os únicos sujeitos que eram perseguidos durante o governo militar. Vale ressaltar que a tomada do poder pelos supracitados comunistas brasileiros nunca foi, de fato, uma realidade, tornando suscetível à violência das instituições militares todos aqueles que discordavam do governo. A imagem 2 exemplifica o popular e muito disseminado meme de “nego”. Tipologicamente identificada por alguns autores como *image macro*⁹ (DAVINSON, 2020, p. 149-150; RENRSCHLER; THRIFT, 2020, p. 324), a foto traz à tona a questão da escravidão negra no Brasil, reduzindo o indivíduo negro a um mero produto e ridicularizando a população preta até os dias atuais, visto que o meme em questão é disseminado com o objetivo de fazer piada, sobretudo no facebook e em conversas de WhatsApp (agora com as figurinhas¹⁰). É importante ressaltar, no entanto, a dualidade que este meme pode mostrar, dependendo do grupo político-social que o esteja utilizando. Ele pode ser visto como um produto cultural que critica a questão racial no Brasil, ou que reforça estereótipos.

Esses memes, por serem construídos muitas vezes a partir de imagens icônicas e bastante utilizadas nas salas de aula na disciplina de história, acabam por chamar a atenção dos adolescentes e os manipulam através de discursos que se disfarçam como humor, mas

⁹ Fotos sobrepostas por legendas, geralmente com fins humorísticos/satíricos.

¹⁰ As figurinhas são imagens, que podem ser ou não animadas, e que compõem o grupo dos *stickers* do aplicativo.

tem um objetivo mais atroz. No período das eleições presidenciais de 2018 e 2022, por exemplo, foi possível observar um aumento do uso dos memes políticos pelos adolescentes. Esses memes possuem três funções básicas: como instrumentos de persuasão, como ação popular e como modo de expressão e discussão pública (SHIFMAN, 2014, p. 122-123 *apud* CHAGAS, 2020, p. 262). Diversos grupos políticos produziram e ainda produzem esse conteúdo, que ganha destaque entre os públicos escolar e eleitoral, reproduzindo de forma persuasiva conhecimentos errôneos compartilhados. Para Viktor Chagas (2020, p. 254-255), isso é fruto de um *marketing* político que, gradativamente, integra esse tipo de linguagem às campanhas políticas, seja para a propagação das propostas dos candidatos, seja como forma de detratar adversários políticos.

No universo dos adolescentes, que durante essa fase passam por processos de transformações e inconstâncias constantes, e que nem sempre analisam as fontes com clareza, essas imagens acabam por ser benéficas para quem almeja ascender nas redes sem, de fato, ter o devido mérito, pois esses jovens tendem a compartilhar com mais facilidade as imagens, seja por influência de familiares ou de amigos.

Ainda que muitos memes também sejam utilizados por grupos progressistas como uma arma de crítica cultural, como exemplifica Carrie Rentschler e Samantha Thrift (2020), fazendo uso da temática do feminismo na rede, os memes da rede social, que são frequentemente interpretados como narrativas baseadas em conceitos do senso comum, estereótipos e preconceitos, podem resultar na formação de sujeitos não democráticos, indivíduos sem empatia por carregarem ideologias negacionistas, niilistas, simplistas, racistas ou preconceituosas.

O objetivo do meme em sala de aula é, em contrapartida, aumentar a complexidade da habilidade narrativa dos estudantes, auxiliando-os a analisar essas narrativas e suas condições de produção (ABREU, 2021, p. 46-47). Ainda se faz necessário, diante dos usos equivocados – e até criminosos dessas imagens –, aprimorar o letramento midiático e,

mais do que isso, o letramento histórico¹¹ dos estudantes, a fim de que não caiam em falácias e/ou em discursos de ódio no ciberespaço.

Os memes e o ensino de História

Nos últimos anos, foi possível perceber o *boom* das tecnologias digitais e a consequente transformação social promovida por elas. Hoje, no tempo da geração *Homo Zappiens* (VEEN; WRAKING, 2009), é necessário não abandonar completamente as práticas educacionais tradicionais, mas adaptá-las e moldá-las ao momento presente. Nesse contexto, a escola, um dos lugares mais primordiais de socialização, produção e disseminação de ideias e de cultura, ainda se encontra em um estado muito preambular de atuação para esse novo cenário, tornando o processo de ensino-aprendizagem algo sem sentido para o alunado (ABREU, 2021, p. 17).

Tem-se observado, apenas recentemente, uma estratégia diferente de abordar os conhecimentos históricos, partindo do mais próximo ao sujeito para o mais distante. Entretanto, os livros didáticos, ainda que compartilhem deste elemento, continuam engendrados em uma mesma estrutura desinteressante a esses sujeitos, o que causa, muitas vezes, entre outras coisas, uma evasão exponencial de estudantes. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad)¹² mostram que, em 2022, apenas 75% dos adolescentes de 15 a 17 anos estudavam ou já haviam se formado no Ensino Médio. O restante vivia uma distorção idade-série (ou seja, em risco de evadir) ou já havia abandonado a escola.

O ser humano contemporâneo é, segundo Caimi e Nicola (2015, p. 63), uma “nova espécie que atua em cultura cibernética global com base na multimídia”. Portanto, a

¹¹ O significado do conceito pode sofrer algumas alterações de acordo com a leitura feita por seus autores. Para Silva (2011), ele ocorre quando o aluno recorre aos seus conhecimentos para interpretar fontes, imagens e sons, estabelecendo ideias próprias. Já para Peter Lee (2006), o letramento acontece quando o sujeito do processo de aprendizagem não só decora fatos sequenciais passados, mas conecta os saberes e faz relações temporais como passado, presente e futuro (ABREU, 2021, p. 49).

¹² Pesquisa Pnad Contínua: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102002_informativo.pdf.

construção de uma consciência histórica¹³ que permite o desenvolvimento de saberes e de sentidos da experiência do tempo para o homem (RÜSEN, 2010 *apud* ABREU, 2021, p. 40) só será possível se essas experiências forem passadas através de meios comunicacionais que dialoguem diretamente com o leitor e o seu contexto sócio-cultural. Se encarada como um campo metodológico, a internet pode ser capaz de trazer à tona várias maneiras de construção de conhecimento, como de “comunicação, análise, resolução de problemas, gestão e avaliação de informações, dentre outros” (CAIMI; NICOLA, 2015, p. 67).

Nesse sentido, faz-se necessário o desenvolvimento, como já citado, de um letramento histórico, que conecte os saberes já concretizados dos estudantes a conceitos-chaves importantes usados nas mídias. Para Cinthia Benak Abreu (2021, p. 50):

Quando essa leitura é feita a partir dos memes, em especial aqueles que retratam a História, por associarem seu código imagético e textual a personagens ou eventos históricos, espera-se que os alunos construam um pensamento crítico ao mobilizar ideias históricas com a finalidade de compreender que para além das narrativas existem muitos outros conhecimentos que podem ser significados para se alcançar a aprendizagem histórica.

Ou seja, assim como os memes políticos, os memes históricos também comunicam identidades sociais e de grupo, porém o fazem por meio da associação a eventos e personalidades históricas (VITÓRIA, 2019, p. 38).

Vitória Zacher (2019) incentiva os professores a explorar a coleção de memes disponíveis na web para educar os alunos sobre o uso da história e sua intenção, e a aprender o processo de letramento histórico que conscientiza os alunos sobre suas responsabilidades online. Além disso, a autora insiste que os memes como uma ferramenta de aprendizagem da história servem, ainda, para dar destaque a esses alunos

¹³ Para Rüsen (2006, p. 14), consciência histórica é o conjunto de faculdades cognitivas que definem o pensamento histórico e como ele atua na vida humana. Cerri (2011, p. 61) entende como pensar historicamente a apropriação de conceitos históricos na vida prática (ABREU, 2021, p. 40).

como consumidores e produtores dos meios de comunicação social, e para ressaltar a percepção de como a informação que é consumida nas redes altera as crenças de um indivíduo e as percepções dos outros, criando estereótipos.

Assim, a fim de cultivar uma abordagem crítica à análise de memes que promova a aprendizagem significativa, o professor deve avaliar a competência narrativa do aluno para determinar como eles sintetizaram o conhecimento histórico coletivo da humanidade para desenvolver seus próprios pensamentos e perspectivas, ao mesmo tempo que demonstram respeito por diversas identidades e perspectivas (ABREU, 2015. p. 48).

Experiências no uso dos memes no âmbito do PIBID

Para a execução do projeto, os procedimentos metodológicos utilizados variaram entre teoria e prática, contando com as seguintes etapas: 1 - Observação das aulas com o professor supervisor; 2 - Oferecimento de oficina para o aprofundamento do uso dos memes como recurso pedagógico em sala de aula para os pibidianos; 3 - Postagens e análises de memes no instagram supracitado pelos bolsistas do programa; 4 - Organização das temáticas das aulas seguintes com os alunos; 5 - Oficina de memes ministradas pelos pibidianos; 6 - Apresentação das produções dos discentes e suas postagens nas redes sociais (instagram); 7 - Pesquisa com os discentes envolvidos no projeto sobre o processo de ensino-aprendizagem durante sua execução.

De início, fez-se necessário entender a relação professor-aluno presente no contexto da turma do primeiro ano A, bem como as metodologias utilizadas pelo professor Márcio Romerito Arcoverde e seu processo de organização e planejamento. No que se refere à disciplina de história, no CODAI, a carga horária anual era a época do projeto de 80 horas, e o primeiro ano tem dois encontros por semana. No conteúdo programático¹⁴ – previsto para as aulas antes da pandemia –, consta os temas destrinchados, listados e numerados.

¹⁴ Apesar de ter acompanhado os alunos do primeiro ano também em seu segundo ano, a observação do conteúdo programático foi feita apenas enquanto ainda eram do primeiro ano do Ensino Médio.

A Metodologia de Ensino do professor abrange aulas dinâmicas, sendo estas expositivas, debates e rodas de diálogos, aulas de campo e seminários. Os recursos utilizados foram o quadro, o livro didático, as leituras complementares e o *Data Show*, quando possível. O livro didático utilizado pelo professor foi o *História - das cavernas ao terceiro milênio*, de Patrícia Braick e Myriam Mota, da Editora Moderna (2016). A obra possui uma linguagem apropriada para essa etapa de ensino e carrega uma série de elementos, como abertura de capítulo, que relacionam o passado com o presente; glossário; textos complementares, indicação de filmes, séries e livros; seções que trabalham as fontes históricas e atividades objetivas e subjetivas (RANIERI; SANTOS, 2022). O professor, no entanto, não costumava fazer uso do livro com frequência e, ao invés disso, consumia a bibliografia extra de acordo com os temas trabalhados, como o *Dicionário da Escravidão e Liberdade*, de Lilia Shwarcz e Flávio Gomes (2018).

O diretor-geral do colégio, Michel Saturnino Barboza, mencionou que os cursos trabalham de forma diferente do modelo de ensino convencional e os professores têm total liberdade para formularem as suas práticas de ensino e aprendizagem. Desse modo, o processo avaliativo pode ser modificado de acordo com os objetivos educacionais de cada disciplina. A avaliação é contínua durante todo o processo de ensino-aprendizagem, visando a obtenção de notas bimestrais, com fichamentos de assuntos trabalhados e prova objetiva estilo SSA¹⁵ e ENEM. Segundo o professor de História, essas práticas avaliativas, como fichamentos, servem para a sistematização dos assuntos e precisam de um conjunto de habilidades: separar, organizar e escrever. As questões estilo SSA e ENEM são para a adaptação para as avaliações externas. Não existe na instituição um modelo de prova ou regras, somente as datas limites expostas no calendário acadêmico. Sendo assim, como avaliar os discentes e o que fazer, fica a cargo de cada professor da disciplina que ministra. Vale salientar também que, por conta do ensino remoto, houve a necessidade de uma mudança nos planejamentos. De acordo com a nova realidade, o professor Márcio Romerito Arcoverde formou uma nova estratégia, trabalhando com a conscientização e o

¹⁵ O Sistema Seriado de Avaliação (SSA) é uma prova de ingresso para a Universidade de Pernambuco (UPE). Nela, os alunos das três etapas do Ensino Médio fazem uma prova objetiva de todas as áreas do conhecimento e de redação ao fim de cada ano, que serão somadas no 3º ano do Ensino Médio.

bom senso dos estudantes: o fichamento passou a ser voluntário. A sistematização funciona como um resumo em tópicos das ideias centrais (RANIERI; SANTOS, 2022).

Em suma, ele optou por atividades mais simples, porém com a mesma intencionalidade, planejando estratégias pedagógicas mais atraentes para o momento. Essa diversificação de acordo com o perfil dos alunos torna o ensinar e o aprender algo mais próximo da realidade deles. O uso dos memes, neste sentido, foi integrado às aulas para aproximar os conteúdos ao contexto digital vivenciado por todos, mas sobretudo pelo alunado, visando o uso das TDIC's como uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. Foi possível perceber um ótimo engajamento dos estudantes quando o professor fazia a abordagem de algum meme para a explanação do conteúdo.

Entendido isso, foi necessário um aprofundamento nas questões envolvendo os memes, suas características e seus possíveis usos pedagógicos. Portanto, a oficina “História, humor e memes”, ministrada pelos professores José Marcelo Marques Ferreira Filho (Departamento de História – UFPE) e Márcio Romerito da Silva Arcoverde (CODAI – UFRPE) foi o segundo passo para o andamento do projeto. A atividade foi promovida pelo PIBID História - UFRPE, em três dias distintos. No primeiro dia, foi discutido o gênero meme enquanto um produto cultural da internet e suas intenções, a partir do texto *Perspectivas para a utilização do meme na elaboração de materiais didáticos para EaD* (JORGE, 2020). No segundo dia, a discussão se pautou no uso de memes nas aulas de história, partindo do trabalho de Luisa Quarti Lamarão, *O uso de memes nas aulas de história* (2019). Fomos encorajados a realizar, em duplas, sequências didáticas contendo a utilização dos memes para apresentar no último dia. No terceiro dia, deu-se a apresentação das sequências didáticas produzidas pelos pibidianos.

O uso do recurso dos memes em sala de aula já era algo recorrente nas abordagens do professor de história do CODAI, mas entendemos que era necessário um uso mais assíduo desse elemento para o melhor engajamento dos discentes. Sendo assim, começamos a, periodicamente, postar memes, analisá-los e explicá-los nas redes sociais para aproximar os alunos desse modelo, bem como para fazer uma história pública

digital¹⁶. Em reunião feita entre os pibidianos e o professor supervisor, foi explanado quais seriam as próximas temáticas trabalhadas com a turma na disciplina. Os períodos que seriam trabalhados eram a história da escravidão no Brasil, o Iluminismo, a Revolução Gloriosa e a Revolução Industrial. Foi então pensado que a próxima avaliação dos alunos – agora inseridos no segundo ano do Ensino Médio – seria a produção de memes históricos em grupos, levando em conta essas temáticas.

Supondo que muitos dos alunos não tinham noção de como pesquisar fontes para produzir os memes, editá-los e analisá-los historicamente, os pibidianos fizeram uma oficina com os estudantes. Na oficina, foi discutido com os alunos o que caracteriza um meme, o que pode ou não conter nele, que tipo de linguagem utilizar, onde e como encontrar fontes confiáveis para a produção, quais os melhores aplicativos de edição e como fazer uma análise do meme historicamente. Para esta parte final, o trabalho de Silvio Cadena (2018) foi essencial, visto que, a partir dele, é possível entender meticulosamente como podemos fazer a análise de memes históricos em quatro passos: inicialmente, identificando a fonte de origem do meme e, logo depois, fazendo a descrição textual e imagética do que se está vendo. O terceiro passo é apresentar o contexto e a circulação das imagens, estabelecendo uma relação passado-presente e, por fim, produzir uma discussão historiográfica sobre o tema, levando em consideração autores de referência na área¹⁷.

A produção dos memes dos estudantes e postagem no Instagram

Como forma de culminância do projeto, os estudantes foram encorajados a apresentar suas produções durante a aula. Eles se mostraram bem empolgados e felizes com o resultado de seus trabalhos, e concordaram que foi uma forma bastante prazerosa e

¹⁶ Disponível em:

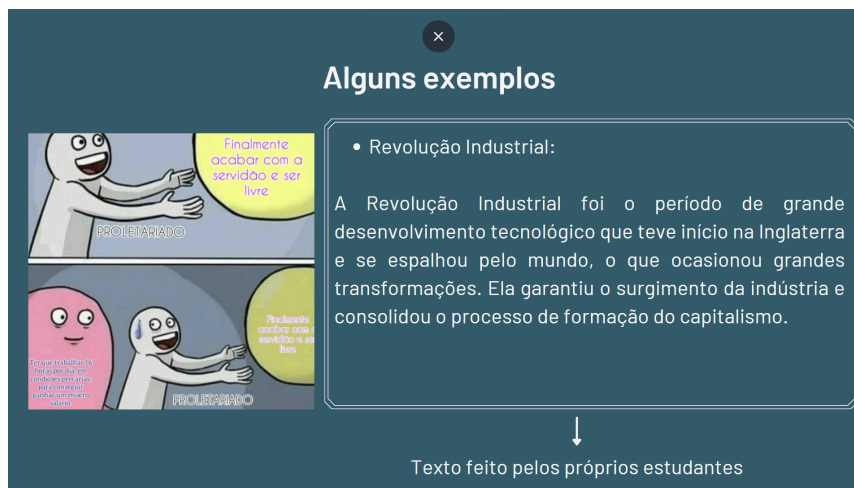
https://www.instagram.com/p/CQO7ZiitUZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==.

Acesso em: 13 jan. 2024

¹⁷ No trabalho executado com os alunos, foi necessário apenas o uso e estudo das duas últimas formas de análise propostas pelo autor.

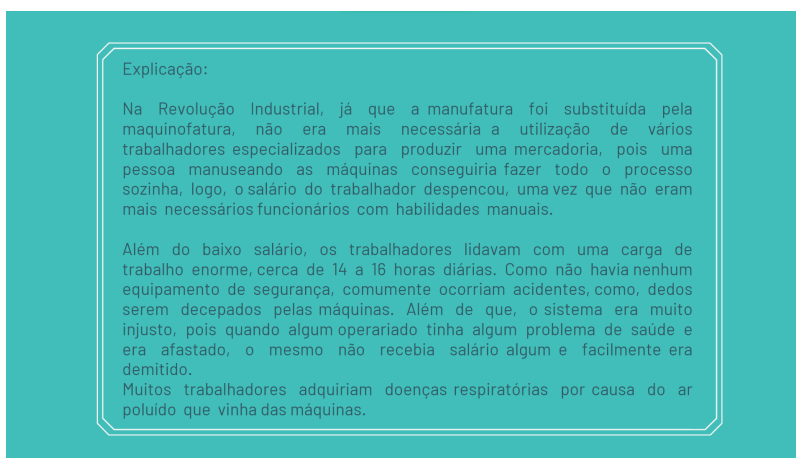
diferente de aprenderem os conteúdos históricos. Algumas dessas produções foram postadas na página do Instagram já citado e, abaixo, outras produções podem ser observadas.¹⁸

Figura 3 – Meme 1 produzido por alunos do 2º ano do CODAI



Fonte: acervo pessoal.

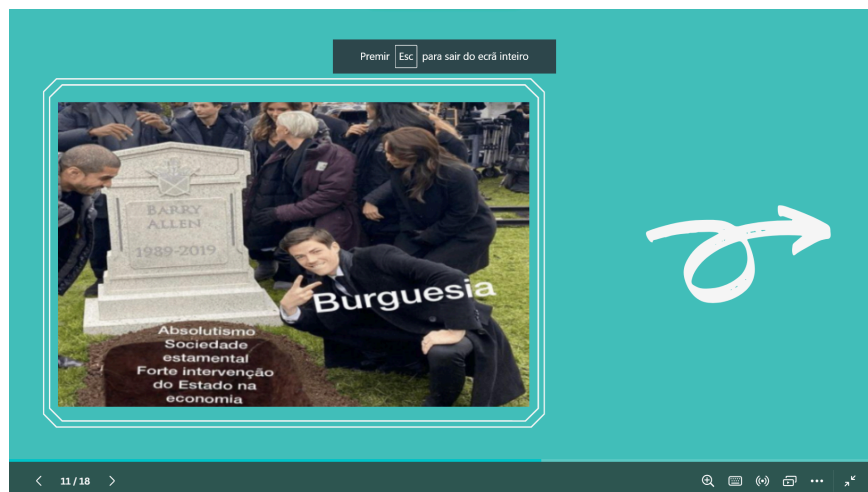
Figura 4 – Explicação do meme 1 produzido por alunos do 2º ano do CODAI



Fonte: acervo pessoal.

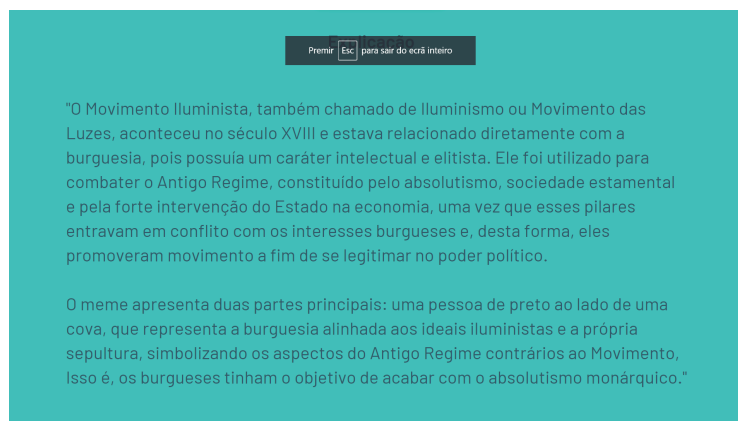
¹⁸ A culminância do projeto foi feita nos últimos meses de participação no projeto. Sendo assim, não foi possível uma análise maior do caráter historiográfico presente nas análises, bem como algum *feedback* de correção por parte do professor orientador.

Figura 5 – Meme 2 produzido por alunos do 2º ano do CODAI



Fonte: acervo pessoal.

Figura 6 – Explicação do meme 2 produzido por alunos do 2º ano do CODAI



Fonte: acervo pessoal.

Os memes produzidos pelos estudantes, assim como todos os memes – de acordo com Muniz e Gomes (2018) – são caracterizados pela intertextualidade. Esse, segundo tais autores, é um processo linguístico feito pelo ato de um texto remeter a outro já existente ou, ainda, aos valores sociais preestabelecidos (ABREU, 2021, p. 47). Sendo assim, é a

partir da construção dos memes, relacionado à intertextualidade e aos valores sociais, que o docente pode analisar as narrativas produzidas pelos alunos e verificar sua complexidade historiográfica, observando se, de fato, eles incorporaram significados e experiências temporais e espaciais do homem em seu contexto social, desenvolvendo, assim, sua consciência histórica (ABREU, 2021, p. 48).

Resultados Obtidos

Após a culminância do projeto, com as postagens das produções dos estudantes nas redes, foi feita uma pesquisa com eles para entender como esse trabalho pode ter os ajudado no processo de desenvolvimento do conhecimento histórico dentro das temáticas abordadas¹⁹. 29 dos 33 alunos da turma do 2º ano A participaram da pesquisa²⁰. A primeira questão indagava o quão satisfatório a metodologia tinha sido, sendo 0 nada satisfatório e 5, muito satisfatório; 79.3% dos alunos, ou seja, 23 deles, afirmaram que o trabalho tinha sido muito satisfatório.

A segunda pergunta questionava qual teria sido a parte mais desafiadora de todo o trabalho. Algumas das respostas dos estudantes foram organizadas na tabela abaixo, representando alguns aspectos dessa dificuldade, sendo evidente a criatividade – ou a falta dela – um dos maiores problemas.

Tabela 1 – Qual foi a parte mais difícil na produção?²¹

CRIATIVIDADE	ANÁLISE E EXPLICAÇÃO	EDIÇÃO	PROCURA DE FONTES
A falta de criatividade para contextualizar o assunto com o meme.	Introduzir o conteúdo no meme foi a parte mais difícil para mim, mas logo deu tudo certo.	Sincronizar o áudio com o vídeo.	Pegar a parte de um assunto e encaixar com determinado meme.

¹⁹ Por ter sido feita em período pandêmico, a pesquisa precisou ser aplicada online, por meio do *Google Forms*. Disponível em: <https://forms.gle/kUE89Nt3VG8jX1Vs9>. Acesso em: 13 jan. 2024

²⁰ Pesquisa autorizada pelo Conselho de Ética e Pesquisa da UFRPE e Plataforma Brasil. Ciência, contexto e práticas de letramentos: Da universidade para a escola. Código de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 44271821.4.0000.9547. Artigo submetido em 21 de março de 2022.

²¹ As respostas dos estudantes foram conservadas na maneira na qual escreveram.

Pensar em algo criativo para fazer o meme.	Fazer a explicação de cada memes.	A edição.	Relacionar os assuntos e os memes.
Ter conhecimento dos assuntos e também colocar humor nisso.	Entender o assunto para fazer o meme		Escolher um meme que combinasse com o conteúdo escolhido.
Conseguir juntar conhecimento e o humor, de uma forma que fique de fácil entendimento.	Apenas a leitura e formular um meme.		Procurar as ideias certas para fazer um meme.
Criatividade para encontrar uma forma de explicar o assunto mais resumidamente.			
Pensar em como relacionar o conteúdo e o meme.			
Decidir o que colocar nas imagens e as palavras certas.			

Fonte: autoria própria, 2023.

Seguindo a pesquisa, a próxima questão indagou qual a parte mais fácil na preparação dos memes. Analisando a tabela acima, é possível perceber que a edição das produções foi a parte menos citada como difícil. Proporcionalmente, a edição das produções foi apontada pela maioria deles como sendo a parte mais fácil, envolvendo a escolha das imagens, criação dos slides, etc., pois, segundo um aluno X, eles já tinham o “manejo”. Isso reforça a imagem dos estudantes como *Digital Natives* (PRENKSY, 2001, p. 1) ou parte da geração *Homo Zappiens* (VEEN; WRAKKING, 2009), pois esses sujeitos já estão habituados cotidianamente com essas tecnologias.

Quando perguntados se seria possível entender o contexto por trás do meme que procurou sem ter conhecimento prévio da temática, 48.3% dos estudantes afirmaram que “talvez”, 34.5% afirmaram que “sim” e 17.2% afirmaram que “não”. Isso mostra que,

ainda que não se tenha um conhecimento consolidado sobre alguma temática histórica, é possível, através dos memes, aprender.

Quando perguntados se conseguiram aprender enquanto faziam suas produções, a resposta foi unânime: todos afirmaram que sim. A última pergunta se relaciona à opinião dos alunos em trabalhar história utilizando os memes. Dentre as respostas, podemos destacar: “Achei bem interessante e massa de se trabalhar , com essa proposta fica bem mais fácil entender o assunto.”; “Gostei porque é algo da atualidade e menos cringe”; e “Muito bom, por ser algo que gostamos e isso nos fez ler e entender todo o assunto”²². Os resultados obtidos, portanto, foram satisfatórios e extremamente relevantes para se fazer entender se é positivo ou não o trabalho com memes históricos em sala de aula.

Considerações finais

Como já afirmou Flávia Caimi (2009, p. 71), para ensinar história a João, é necessário saber de ensino, de história e também de João. Isso quer dizer que, para se concretizar o processo de ensino-aprendizagem, é indispensável que o docente domine as metodologias pedagógicas necessárias para atingir seu objetivo final, que tenha conhecimento das temáticas, conceitos, espaços, temporalidades e debates historiográficos e, por fim, mas não menos importante, que conheça seus alunos: de onde vêm, o que almejam e suas capacidades e limitações. Em um mundo dividido entre *Digital Natives* e *Digital Immigrants* (PRENSKY, 2001), é fundamental, portanto, a adequação dos professores à realidade dos estudantes, contemplando a relação passado-presente partindo da realidade vivenciada por esses sujeitos diariamente, fazendo com que o estudar e o aprender se tornem mais fáceis, prazerosos e significativos.

Em um momento em que a juventude passa por transformações de suas personalidades, comportamentos, momentos de angústia e ansiedade, de dúvidas e de abandonos (PRIOSTE, p. 106 e 109), os memes de internet, enquanto transmissores culturais difundidos digitalmente (DAVINSON, 2020, p. 149), melhoram o engajamento

²² As respostas dos estudantes foram conservadas na maneira na qual escreveram.

dos discentes ao mesmo tempo que os supracitados desenvolvem uma consciência histórica e um pensamento crítico, a partir do momento em que integram a operação de diversos saberes em sua análise, produção e difusão.

No projeto proposto, os estudantes se tornaram os agentes do seu próprio processo de ensino-aprendizagem, colocando o professor como um mediador e facilitador de sua ação. Ao entender os usos corretos dos memes, eles se tornam menos suscetíveis a acreditarem em *fake news* e revisionismos ideológicos. Ao procurarem por fontes confiáveis, eles operam o ofício do historiador, fazendo suas interpretações a partir de seus saberes prévios. Ao editarem suas produções, eles se integram, mais ainda, nesse universo do qual já estão inseridos. Ou seja, a metodologia de utilização de memes nas aulas de história no projeto elaborado – e nos outros mencionados – prova a eficácia do uso das TDIC's no cotidiano escolar.

Referências

ABREU, Cíntia Beňák de. **Também com memes se ensina e se aprende história:** uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/20077> Acesso em: 16 jan. 2024.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAL, Marta Gouveira de Oliveira (org.). **Introdução à História Pública.** São Paulo: Letra e Voz. 2020.

BLACKMORE, Susan Jane. **The meme machine.** Oxford: Oxford University Press 2000.

CADENA, Sílvio Ricardo Gouveia. **Narrativas digitais e a história do Brasil:** uma proposição para a análise de memes com temáticas coloniais e seu uso nas aulas de história. 2018. 215 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <http://www.tede2.ufpe.br:8080/tede2/handle/tede2/7808> Acesso em: 16 jan. 2024.

CAIADO, Roberta; MORAES, Antonio Henrique Coutelo de. **Cultura Digital e Ensino na Era Pandêmica:** competências e transformações dos saberes docentes. In: XAVIER, Antonio Carlos dos Santos; FERREIRA, Lucas; CAIADO, Roberta (org.). **Linguagem e aprendizado na cultura digital.** 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 30-46 *E-book*.

CAIMI, Flávia Eloisa. Geração Homo zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. In: MAGALHÃES, Marcelo de Souza *et al.* (org.). **Ensino de História:** usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 165-186.

CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende? *In*: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; CONTIJO, Rebeca. (org.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 65-79.

CAIMI, Flávia Eloisa; NICOLA, Bárbara. Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suportes de informação. **OPIS**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 60-69, 2015. Disponível em: Acesso em: 16 jan. 2024.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos estudos sobre memes: uma revisão literária concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976-2019). *In*: CHAGAS, Viktor. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 23-78.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. *In*: CHAGAS, Viktor. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 253-280.

DAVINSON, Patrick. A linguagem dos memes de internet (dez anos depois). *In*: CHAGAS, Viktor. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 139-156.

JORGE, Rute Graef. Perspectivas para a utilização do meme na elaboração de materiais didáticos para EaD. **EaD em Foco**, [s.l.], v. 10, n. 2, 2020. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/957>. Acesso em: 07 nov. 2023.

LAMARÃO, Luisa Quarti. O uso de memes nas aulas de história. **Periferia**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 179-192, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/36442>. Acesso em: 07 nov. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIRES, Thiago de Almeida Lourenço Cardoso; PAULO, Debom. A Antiguidade e o Ensino de História nas redes sociais: uma experiência de História Pública digital. **Veredas da História**, [s.l.], v. 15, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/53045> Acesso em: 16 jan. 2024.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. 2-35, 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0201>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the horizon**, [s.l.], v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: 16 jan. 2024.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. 2013. 368 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RANIERI, Thais Ludmila; SANTOS, Maria Emília Vasconcelos (org.). **Coleção Escolas Parceiras - Núcleo História PIBID/UFRPE**. 1. ed. Jaboatão dos Guararapes: Editora Universitária da UFRPE, 2022.

RENTSCHLER, Carrie; THRIFT, Samantha. Praticando feminismo na rede: o risco em rede e o meme “Binders Full Of Women”. *In*: CHAGAS, Viktor. (org). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, Alexandre José de Carvalho. **Guia prático de metodologias ativas com uso de tecnologias digitais da informação e comunicação**. Lavras: UFLA, 2020.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, v. 15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20130011> Acesso em: 16 jan. 2024.

VITÓRIA, Bárbara Zacher. **Sobre memes e mimimi**: Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ANEXO 1 - Diretrizes da Revista “Educação Básica Revista” para elaboração de artigos²³

NORMAS GERAIS - PARA TODOS OS TEXTOS

- Fonte Garamond 13 para corpo do texto.
- Fonte Garamond 12 para citações com mais de 3 linhas (com recuo de 4 cm).
- Fonte Garamond 11 para Referências.
- Margens: Superior e Direita, 2,5 cm e Inferior e Esquerda, 3 cm.
- Texto Justificado com margem de 2 cm (NÃO DAR ESPAÇO PARA FAZER MARGEM)
- Espaço entrelinhas de 1,5.
- Espaço entrelinhas das Referências: 1,0
- Subtítulos em minúsculas (Garamond 14, negrito)
- Subitem, se houver, em minúscula (Garamond 14, itálico)
- Gráficos, imagens, tabelas, etc, devem conter: Título em negrito centralizado acima do elemento (Garamond 12) e indicação de fonte centralizada abaixo do elemento (Garamond 11). Ex: Fonte: Elaboração própria.
- Citações com mais de 3 linhas devem estar em Garamond 12, espaço simples, recuado 4 cm. (NÃO DEVE TER ESPAÇO ANTES E DEPOIS DA CITAÇÃO)
- As citações devem seguir o padrão AUTOR-DATA no corpo do texto (Ex: CERRI, 2011. p.10) e nas citações recuadas.
- As Referências devem estar no final do texto e devem seguir as normas da ABNT (Exemplos abaixo)
- NÃO INCLUIR NAS REFERÊNCIAS FINAIS AS OBRAS NÃO CITADAS NO TEXTO.
- NÃO DAR ESPAÇO ENTRE REFERÊNCIAS.

NORMAS ESPECÍFICAS

- **ARTIGO**
 - Seguir as normas gerais para formatação.
 - Deve ter no máximo 4 autores.
 - Deve ter entre 12 e 30 páginas.
 - Título centralizado EM MAIÚSCULA.

²³ Disponível em: <https://www.educacaobasicarevista.com.br/index.php/ebr/diretrizesparaautores>

- Abaixo, título EM INGLÊS.
- Resumo de, no mínimo 100 palavras, e, no máximo, 250 palavras.
- Abaixo do resumo, três palavras chave (SEPARADAS POR PONTO)
- Abstract de, no mínimo 100 palavras, e, no máximo, 250 palavras.
- Abaixo do abstract, três keywords.
- Em fotos NÃO DEVEM CONTER IMAGENS DE MENORES, a não ser com autorização POR ESCRITO dos responsáveis (a autorização deve ser anexada na submissão)